

ESBOÇO PARA OBSERVAÇÕES EM TORNO DO HORIZONTE SÓCIO-CULTURAL DA LEITURA NA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Günter Kipfmüller
ICBA

As seguintes observações em torno da função e das possibilidades da leitura no ensino da língua estrangeira visam levar em consideração o ensino de alemão a adultos, como é o caso da maioria dos cursos dos Institutos Goethe no Brasil. Por extensão — assim acreditamos —, alguns elementos e observações são extensíveis a outros setores, como o ensino da língua estrangeira na escola e na universidade.

1) **O Processo de Leitura** é um ato de comunicação, como as outras capacidades básicas, as quais visam ao ensino da língua estrangeira, ou seja: a capacidade de compreensão auditiva, a capacidade de falar, a capacidade de escrever. Entre as mencionadas, a capacidade da compreensão da leitura foi e é, sem dúvida, a menos cuidada nas teorias metódicas e didáticas atuais. Ela foi chamada, com razão, a capacidade “negligenciada”.

2) Esta negligência se deve às supostas prioridades, dadas — pelos metódicos e autores de manuais de língua estrangeira — às capacidades de ouvir, falar, ler e escrever (nesta seqüência), com base em experiências na língua materna e transferidas, indevidamente, ao campo da língua estrangeira. Além do mais, quase todos os métodos de aprendizagem de língua estrangeira foram desenvolvidos sob um ângulo europeu ou norte-americano, com suas necessidades próprias. O equívoco desta prioridade foi ainda reforçado pelo fato de que as ciências auxiliares (psicologia da apren-

dizagem e lingüística aplicada) encontram, até hoje, grandes dificuldades em explicar o processo de aquisição e compreensão através da leitura.

3) **Leitura compreensiva** (ou compreensão através da leitura) é um processo complexo, envolvendo a atenção, o reconhecimento da estrutura do texto, antecipação de elementos da frase, a percepção dos símbolos escritos, além também da ligação com os conhecimentos do mundo que o leitor tem anteriormente. Nesse processo — ao contrário da situação comunicativa oral — faltam muitos auxílios que podem facilitar a compreensão e evitar ambigüidades: gestos, situação, ambiente, etc.

4) **Estratégias de Leitura**, adquiridas na língua materna, necessariamente se transferem para a língua estrangeira. Por outro lado, a leitura em língua estrangeira é, inevitavelmente, lenta.

Na língua materna, os textos — que merecem uma leitura lenta — destacam-se pela densidade do conteúdo e pela qualidade estética.

(Trata-se, aqui, de aproveitar-se do ritmo de leitura na língua materna, isto é, mais lento, devido ao valor do texto lido — transferindo-se esta experiência para a língua estrangeira: leitura mais lenta — não só por causa das dificuldades lingüísticas, mas também pela qualidade do texto.) Daí a impropriedade do uso abusivo de textos banais em língua estrangeira, especialmente no que se refere aos diálogos.

Essa impropriedade ou banalidade dos textos, usados nos cursos de língua estrangeira, deve-se, principalmente, à didática que marcou as últimas duas décadas, baseada no exagero do "nehavio-rismo" e do "Audiovisual" que, privilegiando a comunicação oral e cotidiana, acostumou-nos a reduzir — especialmente no ensino básico — as exigências qualitativas dos textos.

5) Na área, considerada prioritária pela didática (pseudomoderna), ou seja, na área oral, a elaboração de uma competência comunicativa, na melhor das hipóteses, se baseia antes de mais nada em uma **motivação forte e persistente**. À primeira vista, isto vale também para a competência de leitura, porém o fato de o leitor querer atingir sua meta na leitura com um máximo de clareza num mínimo de tempo, vale unicamente para os textos cujo sentido

se refere e se esgota na descrição de uma realidade definida ou de um fato científico. Em outras palavras, nos textos "informativos" a primeira leitura bem sucedida acaba com o texto e a motivação.

6) O caso é diferente com **textos plurivalentes e complexos**, isto é, textos artísticos ou poéticos. Sabemos da teoria da recepção que mais do que uma parte substancial do fenômeno artístico — o que nós chamamos de comunicação literária, é produzida não pela obra ou pelo autor da obra, mas sim pelo leitor que — ao ler ou ouvir o texto — completa-o, complementa-o, adapta-o e interpreta-o, conforme o seu mundo.

7) Quando defendemos aqui textos complexos e plurissignificativos, arriscando e agüentando até o choque de complexidade que a literaturara sempre reserva ao leitor — tanto mais ao leitor de um texto em língua estrangeira — não ignoramos as vantagens de um procedimento didático que elimine todas as rupturas lexicais, os pulos estruturais, as cataratas semânticas e os precipícios culturais, criando um pseudomundo de progressão suave e de transições imperceptíveis. No entanto, propomos ter a coragem de não desviar a complexidade da vida e do texto autêntico, privando, assim, o aluno de um encontro indispensável para qualquer compreensão cultural e um intercâmbio honesto. Isto pode e deve acontecer já no ensino para principiantes. A lentidão, com a qual textos artísticos em língua estrangeira são lidos no ensino para principiantes, justificar-se-ia, assim, também, pela intensidade, complexidade e a preciosidade do conteúdo, e não apenas pela falta do domínio lingüístico, como já foi dito antes.

8) Nada mais justo, porém, do que reconhecer que a preparação cuidadosa dessa aproximação é fundamental para manter motivado o leitor, possibilitando o prazer do "compreender provisório". A didática moderna elaborou muitos instrumentos para amenizar o peso da distância do estranho, inerente ao texto literário, em língua estrangeira. Trata-se de encontrar um equilíbrio entre a expectativa criada através de explicações prévias, textos-filtros ("Zubringertexte", "advance organizer"), associações, debates e discussões, etc. . . , não anulando totalmente, porém, o caráter estranho ou enigmático do texto, não permitindo que a expectativa quebra-se ou o preconceito desmascarado acabem com o estímulo proposto.

Enfim, acreditamos que textos poéticos são — desde as primeiras aulas — uma motivação, uma justificativa e um estímulo autêntico para o estudo da língua estrangeira. Mais do que qualquer confissão ou revelação filosófica, pedagógica, geográfica, política, cultural, sociológica, didática ou gramatical, um texto artístico traz a complexidade, a beleza e a verdade para a aula. Ele se torna, assim, a finalidade e o catalizador de tudo o que nós almejamos com o ensino da língua estrangeira.